

“Nenhuma Ideia Vale uma Vida”: O suicídio na Mídia Juazeirense¹

Jacqueline Santos Silva²
João José Santana BORGES³
Universidade do Estado da Bahia, BA

Resumo

Este artigo disserta sobre o suicídio na mídia, abordando a cobertura jornalística no que diz respeito ao contágio e a prevenção. Tem por finalidade entender o universo que cerca a morte voluntária, afim de refletir e levantar discussões sobre o comportamento que a mídia possui diante do suicídio e do papel que pode desempenhar na prevenção do problema. A metodologia de pesquisa é baseada em leituras no campo comunicacional e das ciências sociais, bem como usando de entrevistas, pesquisa de dados e análise da imprensa juazeirense de maneira que reforce o debate. Desta forma a pesquisa propõe a discussão sobre o suicídio trazendo informações sobre as suas implicações no campo jornalístico e a problematização da cobertura jornalística diante da presença do suicídio como um fenômeno social pouco midiaticizado.

Palavras-chave: Suicídio; Mídia; Contágio; Prevenção.

O suicídio é um tabu em nossa sociedade. Trata-se de um tema pouco explorado e que guarda muitos mitos e receios. Durante a gestação e elaboração desta pesquisa, o tema causou estranhamentos e inquietações a terceiros sobre o universo do suicídio. Isso mostra o quão pouco problematizado é o tema em nossa sociedade.

Falar em morte voluntária suscita questionamentos e dúvidas, pois não estamos acostumados à discuti-la ou vê-la sendo abordada, como outros assuntos do nosso cotidiano. Grande parte dessa ausência de debate sobre o assunto vem da mídia. Os motivos que envolvem esse silêncio a partir da imprensa e que conseqüentemente se estende para a sociedade é o objeto de debate neste artigo.

Mesmo não fazendo parte das conversas do dia-a-dia, tanto da sociedade, quanto da imprensa que a pauta, alguns dados mostram que a morte voluntária está fortemente

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém graduada do Curso de Jornalismo da UNEB, email: jac.santos2@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNEB, email: jj@uneb.br

presente em nosso meio. O suicídio é um grave problema de saúde pública⁴, correspondendo a mais da metade das mortes violentas do planeta.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a taxa de suicídio entre jovens cresceu 30% em 25 anos no Brasil. Conforme dados de pesquisa da OMS, a média de suicídios nos últimos 50 anos aumentou 60%, em particular, nos países em desenvolvimento como o Brasil.

No Brasil, o suicídio é a terceira maior causa de morte entre as pessoas de 15 a 44 anos e entre os jovens de 10 a 24 anos. Mundialmente, o suicídio constitui a segunda maior causa de morte. Os índices de morte voluntária entre os jovens aumentaram tanto que em um terço dos países esta faixa de idade é considerada a de "maior risco" pela OMS.

Estudos realizados pela OMS mostraram, ainda, que os gastos com o suicídio representaram, em 2011, aproximadamente 1,8% do que foi gasto com as doenças no mundo. Para 2020, a perspectiva é um crescimento expressivo, atingindo 2,4% dos gastos.

Existe um dia Mundial de Prevenção ao Suicídio: dia 10 de setembro. A data foi criada pela OMS, como forma de sensibilizar e convocar os países para a criação de estratégias para a prevenção da morte voluntária. Diante desta iniciativa, a mídia ainda tem se calado. O agendamento desta data tem o objetivo de eleger um dia para que a conscientização ocorra e a informação para a prevenção circule. Porém, os veículos de comunicação, como uma peça fundamental neste processo, pouco participam.

Este artigo pretende caracterizar o suicídio em termos sociológicos, recorrendo ao princípio da interdisciplinaridade constitutiva da comunicação enquanto área de conhecimento. Que além de examinar a abordagem da mídia, vai à busca de uma pesquisa documental, colhendo dados e informações de representantes dos saberes legitimados acerca do suicídio.

⁴A Associação Brasileira de Psiquiatria considera que “em nosso país, até há pouco tempo, o suicídio não era visto como um problema de saúde pública”. Recentemente o Ministério da Saúde montou um grupo de trabalho com a finalidade de elaborar um Plano Nacional de Prevenção do Suicídio. Entre os seus principais objetivos está o de “informar e sensibilizar a sociedade de que o suicídio é um problema de saúde pública que pode ser prevenido”. Cf. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, Op. cit., p. 19.

O objetivo do trabalho não é, de forma alguma, atestar que não existem matérias sobre o suicídio, não é criar uma ideia de que o assunto é totalmente escondido, por mais que seja pouco abordado, causando certo estranhamento e inquietação. Existem várias produções que abordam o assunto, sejam elas jornalísticas ou não, como filmes, trabalhos, artigos, músicas, etc. O que se pretende é destacar que a noticiabilidade da morte voluntária pode não ser uma vilã para o problema crescente e sim uma aliada, dependendo da forma que se faça.

Trataremos o suicídio a partir da ótica da mídia, dos cientistas sociais e de profissionais da saúde que lidam com o problema. Serão mostrados dados sobre a morte voluntária da cidade, como os veículos de comunicação local se comportam diante desses dados e como a mídia pode agir para se tornar parceira na prevenção do suicídio, buscando uma prática de prestação de serviço social e tentando combater um problema de saúde pública que se tornou.

Diante disto, este trabalho pretende investigar e compreender de que forma a mídia juazeirense se relaciona com o problema do suicídio na cidade. Objetiva refletir sobre as causas do silenciamento e discutir como a imprensa pode atuar na luta pela preservação da vida.

A prática jornalística consiste em contar os fatos reais, de maneira objetiva e de fácil entendimento. A forma como é contado pode tornar um fato bom ou ruim, um personagem em herói ou vilão, um assunto pertinente ou não. Segundo Becker (2010, p. 43), os “narradores de histórias”, como podemos classificar os jornalistas e os cientistas sociais, detêm o poder de influenciar e de tornar para o leitor qualquer história em uma verdade.

[...] os usuários imaginam que o que leem não é só a expressão da opinião de alguém, consistindo em ilusões e esperanças piedosas e sendo por elas moldada, mas de alguma maneira depende do que está “realmente acontecendo” em algum lugar no “mundo real”. Preferem pensar que aquilo relatado pelo que estão lendo repousa em material sistematicamente reunido e analisado, e os “resultados” se justificam por algo além do gênio ou da intuição do escritor.

A mídia, em seu papel de formadora de opinião, possui um caráter de, muitas vezes, ignorar problemas e se isentar de discussões, se restringindo em algumas exceções. Na ótica do

suicídio, esse comportamento se deve tanto para não disseminar a ideia de contágio, quanto por questões éticas.

Na obra, *O Suicídio*, de Émile Durkheim (1897), o autor é um “interlocutor” privilegiado de nossas temáticas. Ainda que tenha vivido em outro contexto social, o que o clássico nos possibilita é, também, fornecer um instrumental analítico para compreender os nossos próprios contextos.

Segundo Durkheim (1897), o suicídio é um comportamento de caráter social, provocado dentro da sociedade e, portanto, deve ser abordado e refletido pela ótica social. Partindo deste princípio podemos afirmar que a mídia, enquanto agente social e canal de informações dentro da sociedade, deixa de cumprir o seu papel fundamental quando coloca de lado coberturas de mortes voluntárias.

O sociólogo francês Émile Durkheim foi um dos precursores no estudo do suicídio. Em 1897 este autor publicou uma obra clássica, *O Suicídio*. Nesta obra ele realiza um estudo de caso e um mapeamento sobre o suicídio na Europa no século XIX, onde levanta e analisa várias questões que podem ou não influenciar as taxas de suicídio, como o clima, religião, gênero, idade, raça, etc, além de classificar três tipos de suicídio: egoísta, altruísta e anômico.

O suicídio egoísta é quando o indivíduo está afastado do meio social, suas relações com a sociedade se afrouxam. Ele se encontra isolado dos grupos sociais, fazendo com que não veja mais sentido na vida, não tenha mais razão para viver. O suicídio altruísta, o sociólogo define como um ato em que o indivíduo está extremamente integrado com seu grupo social, a ponto de desligar-se de si mesmo e se matar em favor do coletivo. Já o suicídio anômico aparece derivado de uma “anomia” social, quando a sociedade perde a sua normalidade, quando suas regras deixam de existir em sua totalidade ou não, fazendo com que o curso habitual das coisas seja rompido.

Na Constituição, o suicídio é abordado no Artigo 122 dentro do contexto de Crime Contra a Vida, o crime é definido como “Induzimento, Instigação ou Auxílio a Suicídio” e diz que “Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça”, prevê a

pena em reclusão de “2 (dois) a 6 (seis) anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave.” A pena pode ser duplicada “se o crime é praticado por motivo egoístico;” ou “se a vítima é menor ou tem diminuída, por qualquer causa, a capacidade de resistência.”

Em 1774 a escritora Johann Wolfgang Von Goethe escreveu um romance chamado Werther. A obra narrou uma história de amor não correspondido no qual o jovem protagonista desiludido resolve se matar com um tiro de pistola. No período da publicação do livro, foram registrados altos índices de suicídio na Europa. A influência do livro sobre os jovens que se mataram foi confirmada através da maneira como executaram suas mortes, mesma que o jovem do livro. Além disso, ainda foram encontrados exemplares da obra juntos aos corpos dos suicidas. Desde então, o suicídio por contágio tem seu exemplo mais famoso com o “Efeito Werther”.

Para Arthur Dapieve (2007), em sua obra, *Morreu na contramão: o suicídio como notícia* (p.19-20), a não divulgação de suicídios pela imprensa é um reflexo do sentimento da sociedade e o resultado da ideia de contágio que alguns pesquisadores, cientistas sociais e médicos defendem e que foram perpetuados por geração.

Muito mais do que ser determinante do modo como os leitores encaram o suicídio, a imprensa, sim, é determinada pela visão que os leitores têm da morte voluntária. Dentro dessa perspectiva, a imprensa colocaria não como vetor do “contágio”, mas como instância social solidária ao tabu que a suplanta.

Em sua obra, Durkheim (1897) chega à conclusão que o ato de ver ou tomar conhecimento de um comportamento qualquer, não é o suficiente para que o indivíduo que esteja exposto à essa informação o pratique, ou seja, imite-o. Ele, portanto, precisa de outros fatores não mais externos, mas internos. Sentimentos próprios que o faça acreditar que tal ato servirá para si mesmo também. O autor cita jornais como divulgadores dos suicídios, mas não propagadores e instigadores do ato.

Pode-se, portanto, dizer que, salvo raríssimas exceções, a imitação não é um fator que origine o suicídio. Ela mais não faz do que tornar aparente um estado que é a verdadeira causa geradora do ato e que, muito possivelmente, sempre encontraria um meio de exprimir o seu efeito

natural, mesmo que a imitação não tivesse interferido; pois é preciso que a predisposição seja particularmente forte para que baste tão pouca coisa para fazer com que se traduza em ato. Portanto, não é de admirar que os fatos não tragam a marca da imitação, uma vez que essa não tem ação própria e que a ação que ela exerce é muito restrita.(DURKHEIM, 1897, p.136)

Para o Durkheim (1897), mais adequado do que usar a palavra “contágio” seria usar a palavra “tendência”. O sociólogo preferia esse termo porque para ele, em um meio social, um indivíduo só opta por se matar se já for predisposto a isso, não somente sendo necessário a ideia chegar até ele. De acordo com Dapieve (2007, p. 60)

Embora tenha registrado a freqüente responsabilidade dos jornais, por eles serem de fato, “um poderoso instrumento de difusão”, e tenha admitido que o problema mereça “alguma atenção”, Durkheim se julgou incapaz de constatar na prática tal correlação. Mencionou, sem nomeá-los, alguns autores que pediram a proibição da publicação de notícias de suicídios e crimes pelos jornais. Concedeu que isso poderia diminuir em alguns casos o montante anual, mas duvidou que a taxa social fosse modificada. Para ele, a propensão coletiva permaneceria intensa, pois “a moral dos grupos nem por isso se modificaria.

Dados de pesquisas de alguns órgãos de saúde no Brasil mostram que o suicídio é o terceiro maior responsável pela morte por causa externa no país, ou seja, mortes ocasionadas por acidentes/agravos e as mortes por agressões/violência. Isso mostra o quanto as pessoas apelam por dar fim a vida devido a problemas pessoais ou transtornos mentais.

Mesmo com todos os dados que confirmam a presença da morte voluntária na sociedade, este tabu persiste, inclusive nos meios de comunicação. Existem diversas maneiras de como a mídia pode noticiar casos de morte voluntária e transformar essa cobertura jornalística em um mecanismo de ajuda no combate a esse tipo de comportamento, sem que haja um contágio pela disseminação da ideia e mantendo a ética e privacidade.

Em Juazeiro, cidade localizada no extremo norte da Bahia, tem se tornado frequente o noticiamento “boca a boca” (comentários em ambientes sociais) a respeito de suicídios principalmente de jovens e algumas notícias superficiais em poucos veículos de comunicação.

A cobertura jornalística realizada por dois veículos de comunicação juazeirenses, o *Diário da Região* e a TV São Francisco, demonstram como a mídia se coloca diante das mortes voluntárias que acontecem na cidade. Ambos veículos são constituídos por profissionais com formação em jornalismo e estagiários da área da comunicação. Possuem uma abrangência considerável, já que a TV possui quase um milhão de telespectadores e o *Diário da Região* uma tiragem de 4.500 exemplares por dia. Ambos alcançam muitas cidades circunvizinhas.

Juazeiro tem atualmente, segundo o IBGE - Censo 2010 - 197.965 habitantes. A cidade faz divisa com Petrolina, Pernambuco. Os dois estados são cortados pelas águas do Rio São Francisco e ligados pela Ponte Presidente Dutra, palco de algumas tentativas e realização de suicídios.

Não existe na cidade uma pesquisa que identifique as taxas de suicídios anuais ou mensais. Entretanto, o Comando de Policiamento Região Norte Juazeiro da Polícia Militar, registrou entre 2012 e 2013, 14 suicídios na cidade, sendo oito em 2012 e seis até o mês de outubro de 2013.

De acordo com o setor de estatística do Complexo Civil de Juazeiro, entre abril e julho de 2012 foram registrados, na delegacia civil da cidade, cinco suicídios, sendo dois em abril e três em julho. Em 2013, o complexo registrou quatro suicídios, um em fevereiro, dois em abril e um em junho. Os dados mais recentes de Juazeiro não mostram o quão grave é o problema. Por trás da concretização de suicídios há várias tentativas.

Vários fatores contribuem para o aumento das taxas. De acordo com Neury Botega (2013)⁵, em uma matéria do site de notícias *Folha de S. Paulo*. “A sociedade está cada vez menos solidária, o jovem não tem mais uma rede de apoio. Além disso, é desiludido em relação aos ideais que outras gerações tiveram”.

Em seu artigo “Memória, Esquecimento, Silêncio”, Michel Pollak (1989), afirma que o silêncio e o esquecimento de fatos como a morte voluntária, podem ser praticados pelos próprios familiares e amigos das pessoas que cometeram tal ato. Talvez para não causar

⁵ Psiquiatra do Departamento de Psicologia Médica, professor e pesquisador da Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

mais dor, poupar feridas, o silêncio evita reviver aquele fato, ou até mesmo para poupar o suicida de julgamentos de terceiros.

Para Gilles Houle (2010, p. 320), “[...] o relato ou a história de uma vida não se refere apenas ao vivido de um sujeito, ele é também, e simultaneamente, o relato ou a história da vida e sociedade”. Porém, muitas vezes, falar sobre o assunto pode ser uma espécie de alívio e meio de lidar melhor com ele. Como afirma a célebre frase de Hannah Arendt (2000), “Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”.

Em Maniçoba, distrito de Juazeiro, em 1982, Nice (2013)⁶, na época com 21 anos, estava grávida do segundo filho quando viu o seu irmão, Valdir Valbino dos Santos, matar-se. Valdir mantinha um relacionamento amoroso com uma moça e pretendia casar, porém os seus pais não aprovavam o casamento.

Logo depois da proibição do casamento surgiram boatos de que Valdir tinha se envolvido com outra moça. Sabendo disso, os pais de Valdir e os pais da jovem envolvida nos boatos resolveram os casar. Recolheram a documentação dos jovens e foram ao Fórum dar entrada na burocracia do casamento. Sem se conformar com a decisão dos pais, Valdir resolveu dar fim a sua vida. O jovem ingeriu agrotóxico em uma tarde de domingo.

O motivo do suicídio, segundo a irmã, Nice (2013), era o fato de Valdir não se conformar em casar com a mulher que não amava.

Nós morávamos em um povoado pequeno em uma área irrigada, onde tinha lotes de terra e canais de água. Nós não tínhamos água encanada, então tínhamos que ir buscar água em baldes. Quando eu estava andando com a lata de água na cabeça, eu encontrei com ele e vi que ele carregava algo escondido. Cheguei a perguntar o que ele levava e ele disse que não tinha nada. Quando chegou a porta de casa, ele olhou para mim e ingeriu o agrotóxico, jogou o frasco em cima da casa e caiu.

O rapaz foi levado ao hospital, passou uma noite internado e não resistiu. A notícia da morte do rapaz foi noticiada em uma rádio de Juazeiro, a causa da morte noticiada: suicídio. Após o suicídio do irmão, depois de 10 anos, um outro membro da família de Nice (2013) resolveu se matar, pelo mesmo motivo: relacionamento amoroso.

⁶ Nome fictício. Entrevista concedida em Juazeiro – BA, em 7 de novembro de 2013.

Histórias como essa precisam servir de alerta, de forma ética e responsável, às pessoas e histórias que são ignoradas pelos veículos de comunicação locais. Já que como interpretou um dos maiores poetas e compositores brasileiros, Chico Buarque, “Ninguém notou/ Ninguém morou na dor que era o seu mal/ A dor da gente não sai no jornal”.⁷

Segundo o Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (Datasus), no Brasil 26 pessoas se matam por dia. O Brasil não é considerado um país com muitos suicídios no cenário mundial, apenas de crescente taxa. De acordo a página do jornal *Folha de S. Paulo* na Internet, o Brasil ocupa a 73ª posição no ranking mundial, com cinco mortes a cada 100 mil habitantes por ano, sendo o Rio Grande do Sul o primeiro estado da lista. O líder na lista de países com maior índice de suicídio é a Lituânia, na Europa, com 33,1 mortes a cada 100 mil habitantes.

Para a OMS, o debate sobre o suicídio e a disponibilização de informações sobre o suicídio são formas de prevenção e de ajuda que podem evitar até 90% das mortes. Ao contrário do que se pensa, a informação sobre o suicídio e suas causas, podem se tornar aliadas na prevenção dependendo da forma que com seja produzida e passada.

Um material chamado “Prevenção do Suicídio: um manual para profissionais da mídia”, elaborado pela Organização Mundial de Saúde e uma cartilha, produzida pela Comissão de Prevenção de Suicídio da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), chamada “Comportamento suicida: conhecer para prevenir”, abordam o impacto da “cobertura midiática” perante os suicídios, ao mesmo tempo em que indicam “fontes de informação confiáveis” e sugerem formas de como se abordar as mortes voluntárias, sem que as matérias caiam em “armadilhas”.

Para a ABP (2009, p. 17), “A população seria muito beneficiada se fosse informada a esse respeito: como reconhecer uma doença mental, quais os tratamentos disponíveis, sua efetividade e onde obter apoio emocional. Provavelmente, muitos seriam encorajados a procurar ajuda.”

⁷ Trecho da música “Notícia de Jornal” composta por Haroldo Barbosa e Luis Reis em 1975 e interpretada por Chico Buarque.

Nos meses de abril e julho de 2012, a Delegacia Civil de Juazeiro registrou cinco suicídios na cidade. Durante esse período, não acompanhamos nas páginas do *Diário da Região* e nos telejornais da TV São Francisco alguma notícia, reportagem, artigo ou nota se referindo a suicídio, nem noticiando as mortes superficialmente, ou o problema que atinge, não só a cidade, mas todo o mundo.

Mesmo com essa quantidade óbitos por suicídio em um curto período de tempo, nem um dos dois veículos voltou as suas pautas para o problema que estava acontecendo. Negando, dessa forma, a existência deles.

Aproximadamente um ano antes, no dia 21 de agosto de 2011, um suicídio chocou a cidade de Juazeiro. Leonardo Santana, de 22 anos, se jogou da cobertura de um prédio da orla da cidade por volta das sete horas da manhã de um domingo. O jovem trabalhava no bar e restaurante que funciona no espaço térreo do prédio. As informações que circularam informalmente foi que o jovem havia tomado esta decisão por estar sofrendo preconceito da família em relação a sua orientação sexual.

Muitos vídeos do momento em que o jovem se atirou foram gravados e circulam até hoje na Internet. O corpo ficou durante algum tempo na calçada do prédio e alguns veículos de comunicação foram cobrir o fato e tiraram foto do que estava exposto. Entre os veículos estava o *Diário da Região*.

No dia 23 de agosto de 2011⁸, o jornal publicou em primeira página, da Edição de Nº 6227, Ano 38, a seguinte notícia “Tragédia: Jovem comete suicídio e deixa carta pedindo desculpas”.

Ao analisar as recomendações da cartilha criada pela Comissão de Prevenção de Suicídio da ABP, podemos perceber que a matéria feita pelo jornal *Diário da Região*, publicada no dia 23 de agosto de 2011, sobre o suicídio de um jovem que se jogou de um prédio na orla da cidade, não segue, pelo menos, nove dentre as treze expostas acima. Pois além de dar destaque à notícia a colocando na capa do jornal e em páginas privilegiadas, com fotos que

⁸ A notícia foi dada apenas na terça-feira, 23 de agosto, por conta da edição da segunda-feira, 22 de agosto, já ter sido fechada e comercializada.

expõem o corpo da vítima, a matéria coloca em sua manchete a palavra “suicídio” e possui uma chamada considerada dramática.

Outro ponto que difere daquilo que os órgãos de saúde recomendam é o fato de o jornal detalhar o método usado pela vítima para se matar e evidenciar isto em fotos que estão na capa do jornal e na matéria completa.

A cartilha elaborada pela ABP não é o primeiro material de prevenção do suicídio criado por um órgão de saúde destinado à imprensa. Em 2000, o Departamento de Saúde Mental, Transtornos Mentais de Comportamentais, da OMS criou em Genebra, através do programa *Suicide Prevention Program* (SUPRE), o manual, “Prevenção do suicídio: Um manual para profissionais da mídia”, com orientações sobre como divulgar o suicídio de maneira que ajude na diminuição das taxas mundiais.

A OMS acredita que a imprensa tem um papel importante na divulgação de informações pelo alcance que possui, e que tem um papel ativo influenciando comportamento e opiniões. Dessa forma, ela pode se tornar uma grande aliada na prevenção da morte voluntária. Para a OMS, assim como Durkheim (1897) abordou em sua obra *O Suicídio*, não é a cobertura que estimula outras pessoas a se matarem, não é o fato de a mídia divulgar que vai estabelecer se a matéria vai ou não provocar o “contágio”, mas a forma com que é feita.

Os clínicos e os pesquisadores sabem que não é a cobertura jornalística do suicídio *per se*, mas alguns tipos de cobertura, que aumentam o comportamento suicida em populações vulneráveis. Por outro lado, alguns tipos de cobertura podem ajudar a prevenir a imitação do comportamento suicida. Ainda assim, há sempre a possibilidade de que a publicidade sobre suicídios possa fazer com que a idéia pareça “normal”. Coberturas de suicídios repetidas e continuadas tendem a induzir e a promover preocupações suicidas, particularmente entre adolescentes e adultos jovens. (OMS, 2000, p. 4)

Por isso, o manual estabelece maneiras de se trabalhar esta cobertura analisando quais os pontos positivos que a mídia pode explorar sobre o assunto e os aspectos negativos que ela deve evitar. Como em um quadro de instruções que consta no manual.

Figura 1:

O QUE FAZER

- *Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos.*
- *Referir-se ao suicídio como suicídio “consumado”, não como suicídio “bem sucedido”.*
- *Apresentar somente dados relevantes, em páginas internas de veículos impressos.*
- *Destacar as alternativas ao suicídio.*
- *Fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda.*
- *Mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida.*

O que NÃO fazer

- *Não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas.*
- *Não informar detalhes específicos do método utilizado.*
- *Não fornecer explicações simplistas.*
- *Não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso.*
- *Não usar estereótipos religiosos ou culturais.*
- *Não atribuir culpas.*

Imagem retirada do manual “Prevenção do Suicídio: um manual para profissionais da mídia”. OMS, 2000.

O suicídio é considerado pela OMS, um sério problema de saúde pública e que pode ser combatido com o apoio da mídia. Em todo o mundo a mortalidade causada por suicídio teve um aumento de 60% nos últimos 45 anos. Durante esse tempo as maiores taxas deixaram de ser entre idosos e concentram-se nas faixas mais jovens da população. Trata-se de uma problema universal e que merece atenção.

Portanto, diante do exposto ao longo deste trabalho, podemos afirmar que, mesmo que a mídia aborde os casos de suicídio e faça a cobertura de uma maneira responsável seguindo as recomendações dos órgãos de saúde, não podemos limitar a responsabilidade da

prevenção de um problema tão amplo e complexo, como o suicídio, somente às suas possibilidades.

Para que a prevenção e conscientização aconteça de fato, de uma maneira que saibamos encarar o problema, faz-se necessário que a ação parta também do indivíduo e de outras instâncias sociais, não desmerecendo nenhuma das partes, principalmente não esquecendo o tripé essencial para um resultado satisfatório, no que diz respeito a prevenção, a relação mídia - indivíduo - sociedade.

Referências

ABP. **Comportamento suicida**: conhecer para prevenir. Rio de Janeiro: ABP, 2009.

Disponível em: <

http://www.fundacaobunge.org.br/uploads../jornal_cidadania/cartilha-suicidio_2009_light.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10º ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.

BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BECKER, Howard S.. **Falando da Sociedade**: Ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro, 2010.

BIDERMAN, Iara. **Taxa de suicídio entre jovens cresce 30% em 25 anos no Brasil**.

Folha de S. Paulo. Disponível em: <

<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/06/1292216-para-cineasta-que-fez-filme-sobre-suicidio-da-irma-desinformacao-leva-a-tragedia.shtml>> Acesso em: 8 ago. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Compreender**. A miséria do mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997 p.693-713.

BRASIL. Decreto-lei nº 4.292, 28 de jun. 2002. **Lex**: coletânea de legislação: edição federal, Brasília, DF, v. 7, 2002.

CRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DAPIEVE, Arthur. **Morreu na contramão - o suicídio como notícia**. São Paulo: Jorge Zahar, 2007.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1897.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

HOULE, Gilles. (et ali) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos/ tradução de Ana Cristina Nasser**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Sociologia)

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Ministério da Saúde/Indicadores e Dados Básicos - Brasil - 2010 . Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/>> Acesso em: 5 nov. 2013.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MÔNIA, Ramos. Tragédia. **Diário da Região**. Juazeiro, 23 de ago. de 2011. Cotidiano, p. 7.

OMS. **Prevenção do Suicídio: um manual para profissionais da mídia**. Genebra: Departamento de Saúde Mental Transtornos Mentais e comportamentais, 2000. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2012.

POUPART, Jean. (et ali) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos/ tradução de Ana Cristina Nasser**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Sociologia)

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

Fonte Oral

Cleonice Maria dos Santos, 2013.